

**O mito da originalidade (neo)integralista à luz da teoria da dependência: um estudo sociológico crítico sobre a ausência de autodeterminação cultural no fascismo periférico**

***The Myth of (Neo)Integralist Originality in Light of Dependency Theory: A Critical Sociological Study on the Absence of Cultural Self-Determination in Peripheral Fascism***

**Autor:** Jonas Ferreira de Castro Neto

**Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-0712-1318>

**email:** [j246657@dac.unicamp.br](mailto:j246657@dac.unicamp.br)

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UNICAMP/IFCH)

**Resumo:** Este trabalho intenta investigar como os neointegralistas da Frente Integralista Brasileira (FIB) – grupo que reivindica o legado histórico do movimento fascista brasileiro do entreguerras, a Ação Integralista Brasileira (AIB) de Plínio Salgado – retomam e lidam com um dilema que assombra os integralistas desde os seus precursores históricos: a tentativa de afirmar a originalidade de sua doutrina, negando seu caráter mimético face ao nazifascismo europeu. Sustentado teórica e metodologicamente pela teoria da dependência, retomamos a abordagem de Gilberto Felisberto Vasconcellos, elaborada nos anos 1970, para colocar sob escrutínio os discursos neointegralistas online que pretendem afirmar a autenticidade histórica da doutrina. Com a estruturação de uma crítica imanente desses discursos, identificamos suas contradições internas e, com base na sociologia da dependência, as explicamos, associando-as a uma condição estrutural de ausência de autodeterminação cultural no fascismo periférico. Conclui-se que a defesa da suposta originalidade da doutrina integralista opera, entre os neointegralistas, como uma forma de “amnésia voluntária” que oculta sua vinculação histórica e ideológica ao nazifascismo, mantendo viva, no tempo presente, a ilusão integralista de um rompimento com os fascismos europeus, alimentado pelo “sonho” de autonomia.

**Palavras-chave:** integralismo, fascismo, teoria da dependência, periferia.

**Abstract:** This study seeks to investigate how the neo-integralists of the Brazilian Integralist Front (Frente Integralista Brasileira [FIB]) — a group that claims the historical legacy of the interwar Brazilian fascist movement, the Brazilian Integralist Action (Ação Integralista Brasileira [AIB]) led by Plínio Salgado — revisit and deal with a longstanding dilemma that has haunted Integralists since their historical precursors: the attempt to affirm the originality of their doctrine while denying its mimetic character in relation to European Nazifascism. Grounded theoretically and methodologically in dependency theory, we reengage with Gilberto Felisberto Vasconcellos's approach from the 1970s to scrutinize the online neo-integralist discourses that aim to assert the historical authenticity of the doctrine. Through the construction of an immanent critique of these discourses, we identify their internal contradictions and explain them using dependency sociology, linking them to a structural condition of cultural non-autonomy typical of peripheral fascism. We conclude that the defense of the supposed originality of the integralist doctrine functions among neo-integralists as a form of “voluntary amnesia” which conceals their historical and ideological ties to Nazifascism, sustaining, in the present, the integralist illusion of a rupture with European fascisms – an illusion fueled by the “dream” of autonomy.

**Keywords:** integralism, fascism, dependency theory, periphery.

## **Introdução**

As forças sociais de direita no Brasil contemporâneo agrupam-se em diferentes vertentes organizativas e político-ideológicas que não conformam um movimento homogêneo, mas possuem traços comuns e aglutinadores. Segundo o historiador Odilon Caldeira Neto (2020, p. 122), é possível assim distingui-las: onda ou maré conservadora; autoritarismo; bolsonarismo; neofascismo; nova direita; extrema-direita; direita radical; neoliberalismo; democracia iliberal; populismo. Neste trabalho, examinaremos um tipo de *neofascismo* que se manifesta na sociedade brasileira contemporânea por meio do movimento Frente Integralista Brasileira (FIB) e cujas raízes remontam ao fascismo histórico “à brasileira” do entreguerras, mais precisamente à Ação Integralista Brasileira (1932-1937).

Através da análise de seus discursos em plataformas digitais, pretendemos investigar como o neointegralismo da FIB, grupo que reivindica a continuidade do integralismo histórico de Plínio Salgado, procura lidar com um dilema presente ao longo da história do integralismo: o esforço de afirmar a originalidade da doutrina integralista face aos fascismos históricos europeus (sobretudo italiano).

Para a realização desta investigação, utilizamos como referência teórico-metodológica a teoria da dependência cultural – desenvolvida por notórios intelectuais marxistas brasileiros, como Roberto Schwarz e Florestan Fernandes –, e já aplicada aos estudos do integralismo histórico, na década de 1970, por Gilberto Felisberto Vasconcellos (1979). Recuperar essa abordagem nos permite ir além da descrição formal dos discursos neointegralistas (que tem a pretensão de afirmar a originalidade e autonomia da doutrina). Viabiliza, então, a articulação de uma crítica imanente desses discursos para identificar suas contradições internas, revelando como elas resultam de uma condição estrutural de heteronomia cultural típica das sociedades periféricas.

### **Caracterização do objeto**

A Frente Integralista Brasileira (FIB) é um movimento neofascista brasileiro fundado em 2005 após o I Congresso Integralista para o Século XXI. O grupo constitui uma organização política que reivindica o legado do maior movimento fascista fora da Europa durante o entreguerras, a Ação Integralista Brasileira (AIB) (PAXTON, 2007, p. 314; PAYNE, 1980, p. 168). Seus líderes e membros afirmam ser os únicos e legítimos herdeiros da AIB: a base ideológica reivindicada pela FIB é o Manifesto Integralista de Outubro de 1932, assim como as preleções de Plínio Salgado, líder e fundador do movimento fascista brasileiro do entreguerras.

Ancorando-se na caracterização tipológica efetuada pelo cientista político Roger Griffin (1991, p. 163) acerca dos fascismos existentes fora da Europa e no pós-Guerra, podemos situar a FIB como uma formação ideológica pertencente ao “neofascismo nostálgico”. Pois, ao se posicionar como continuador do legado histórico do integralismo, a FIB adota as visões de mundo da AIB e do autoritarismo brasileiro do entreguerras, com programas e táticas políticas adaptadas às circunstâncias atuais.

Não devemos definir a Frente Integralista Brasileira (FIB) como mera “duplicação” do modelo integralista da década de 1930, ou como apenas um fenômeno residual do integralismo brasileiro do entreguerras. Embora o neointegralismo

apresente, em relação ao integralismo histórico, uma continuidade político-ideológica consequente, a forma como ele se desenvolve em outro contexto histórico-social, na sociedade capitalista contemporânea, o transforma em um fenômeno social e político novo.

Se, ao analisarmos a configuração político-ideológica da FIB, considerarmos que há uma atualização do ideário do integralismo histórico para o século XXI, mas que ainda mantém o Manifesto Integralista de 32 como sua principal base doutrinária, parece-nos justificável apresentar o contexto de formação da AIB e as principais determinações ideológicas do discurso integralista clássico. Posteriormente, exporemos as principais características que marcam a atuação política neointegralista da FIB no tempo presente, juntamente com o quadro geral de surgimento do neointegralismo.

Como já destacado, a Ação Integralista Brasileira (AIB) foi um movimento social e político brasileiro considerado a maior organização de massas fascista da América Latina durante o período entreguerras. Também é considerada, pela pesquisadora Rosa Maria Feiteiro Cavalari (1999), como o primeiro partido de massas em território nacional. A atividade política da AIB durou de 1932 a 1937, até o momento em que o grupo foi dissolvido e rebaixado à ilegalidade pela instauração ditatorial do Estado Novo, por Getúlio Vargas.

Uma questão primordial a ser tratada aqui nesta introdução relativa à caracterização do objeto: quais são as raízes ideológicas do integralismo e por que o movimento é definido como fascista? Para responder isso, pesquisadores como Hélgio Trindade (1979) destacam o contexto da formação política de Salgado nos anos 1920, período em que o líder integralista permaneceu fiel aos temas da exaltação ufanista do homem e da terra, da nova raça em formação e da busca histórica dos fundamentos da civilização brasileira. Trindade, um dos pioneiros nos estudos acadêmicos do integralismo, também destaca o ambiente intelectual e político das décadas de 1920 e 1930, marcado pela ascensão do nazifascismo (especialmente na Itália e na Alemanha), como elemento fundamental para compreender o surgimento da AIB dentro de um quadro histórico mais amplo de tentação fascista internacional.

Como advertiu o sociólogo e crítico literário Antonio Candido (1978, p. 19): embora os integralistas, desde o princípio do movimento, advogassem pela originalidade de sua doutrina, a AIB possuía marcantes elementos simbólicos e doutrinários de caracterização externa do fascismo, adaptados às formas locais da realidade brasileira. Do ponto de vista das seus códigos estéticos: a exemplo de outros

signos fascistas de conotação mística – como a suástica na Alemanha hitlerista ou o *fascio littorio* na Itália mussolinista –, o integralismo escolheu como símbolo o sigma, retirado do alfabeto grego e indicador de soma, exprimindo uma analogia entre um todo matemático (soma dos infinitamente pequenos) e um todo político (expressão nacionalista de unidade política no sentido de integrar todas as forças sociais do país). Dos camisas negras da Itália fascista nasceram os camisas-verdes das milícias integralistas, chefiadas por Gustavo Barroso. Por último, o brado integralista “Anauê” (saudação e grito de guerra indígena no vocábulo tupi) remete à saudação nazista, de origem romana, “*Heil Hitler*”.

Do ponto de vista de suas visões de mundo: o líder carismático do movimento, Plínio Salgado, foi alçado à condição de Chefe da AIB, uma verticalização política similar àquelas vistas nas figuras de Mussolini (*il Duce*) e Hitler (*Führer*). O pensamento político de Alfredo Rocco, Ministro da Justiça de Mussolini, além do apreço pelo estatismo fascista, pelo papel revolucionário do fascismo mussolinista e pela *Carta del Lavoro*, serviram como fonte de inspiração fundamental para Miguel Reale, Secretário Nacional da Doutrina (TRINDADE, 1979, p. 260). Ainda poderíamos aludir à provável influência que a propaganda antissemita hitlerista exerceu sobre o antissemitismo radical de Barroso, segundo na hierarquia da AIB (TRINDADE, 1979, p. 253).

Além disso, não deveríamos nos furtar de mencionar a viagem que Salgado fez à Itália de Mussolini, em 1930, como jornalista do Correio Paulistano – ocasião em que o líder integralista se converteu em um grande admirador do fascismo italiano (BARBOSA, 2011, p. 37). Trata-se de um marco essencial para a maturação de seu pensamento político, bem como para a fundação da Ação Integralista Brasileira que ocorreria dois anos mais tarde. O contato direto com o fascismo italiano, tendo se encontrado inclusive com Mussolini, deflagrou seu convencimento quanto à necessidade de profundas transformações na realidade nacional (BRANDI; SOARES, 1984, p. 3052).

No núcleo da ideologia chauvinista integralista encontra-se o ultranacionalismo – traço típico de ideologias de tipo fascista (TRINDADE, 1979, p. 219). Mesmo incorporado de forma relativamente velada, a inspiração do ultranacionalismo pliniano foi diretamente informada pela exaltação nacional presente no fascismo italiano. Traduzida para a realidade nacional brasileira, a intenção do Chefe integralista era

promover a criação de uma cultura, uma civilização e um modo de vida genuinamente brasileiro.

De matriz ultracatólica e espiritualista, o integralismo pliniano propunha, portanto, uma revolta do espírito diante das crises provocadas pelo materialismo, pelo capitalismo, pelo liberalismo e pela Era da Máquina (CHASIN, 1978, p. 614). Para superar politicamente seus inimigos (sobretudo liberais, plutocratas, comunistas e, em alguns casos, judeus) e transformar o cenário de crises nacionais e internacionais, internas e externas, a doutrina da AIB preconizava a revolução “interior”, moral e espiritual, e, somada à estatolatria da doutrina, a constituição do Estado integral.

Após a morte de Plínio Salgado, (que havia tentado reconstruir o integralismo fundando o Partido de Representação Popular (PRP) em 1945), novos grupos passaram a reivindicar o legado integralista a partir dos anos 1980, doravante sem a presença física do Chefe, em um contexto de ascensão neofascista global (CALDEIRA NETO, p. 19). É nesse cenário que se forma a Frente Integralista Brasileira, já no século XXI, após sucessivas tentativas frustradas de unificação entre os neointegralistas em torno de um novo movimento para o terceiro milênio.

A escolha da FIB como objeto de estudo para analisarmos a continuidade do integralismo no tempo presente decorre de dois fatores fundamentais, com implicações decisivas para o desenvolvimento desta pesquisa. 1) Entre todos os grupos neointegralistas existentes, trata-se do mais relevante em termos de alcance social, estrutura organizativa e legitimidade na esfera político-partidária. 2) É o grupo neointegralista que melhor usa a ferramenta de comunicação da internet em sua dinâmica político-ideológica de mobilização, agitação e propaganda (GONÇALVES; CALDEIRA NETO, 2020, p. 196). Como será detalhado na etapa de desenvolvimento analítico, a parte de investigação empírica deste trabalho será conduzida a partir do exame crítico de suas manifestações discursivas online.

Desde sua formação, os neointegralistas da FIB assumem uma posição de interpretação e evocação “fiel” da doutrina e da estética dos camisas-verdes dos anos 1930 (CALDEIRA NETO, 2014, p. 108). Entre outros motivos, a FIB distingue-se de outros grupos neointegralistas porque ela representa a organização mais conservadora do movimento, no sentido da busca pela conservação do integralismo histórico. Para os dirigentes da FIB, a base doutrinária do integralismo é inalterável, devendo ser somente obedecida nos novos tempos: qualquer crítica ou questionamento à doutrina integralista

é uma atitude anti-integralista, à medida que se nega a necessidade de reformulação da doutrina.

Neste momento, devemos explicitar como tal estratégia de conservação da doutrina e dos códigos integralistas históricos reflete as manifestações político-ideológicas dos neointegralistas diante dos problemas existentes no Brasil contemporâneo, em relação aos quais os militantes da FIB se posicionam politicamente. Em linhas gerais, são diversos os autores que denotam no bojo de sua formação político-ideológica a presença do espírito político chauvinista, a apologia ao machismo e à homofobia, a rejeição da esquerda e dos movimentos sociais associados a ela (como o MST), o anticomunismo, a aversão ao aborto, a crítica ao neoliberalismo, à globalização, ao capitalismo liberal e à internacionalização da economia brasileira e, finalmente, a defesa do discurso de caráter fundamentalista cristão, do nacionalismo, da pátria e da moral familiar cristã (BARBOSA, 2013; CRUZ, 2007).

Se a FIB assume uma postura conservadora em relação ao encadeamento da doutrina integralista para o século XXI, as táticas de disseminação das ideias integralistas são renovadas para atender às demandas da sociedade contemporânea. Além das mobilizações e protestos de rua, as estratégias de agitação e propaganda da FIB estão centradas nos veículos de comunicação digitais e na internet. É um movimento que adere fortemente à ferramenta de comunicação da internet em sua dinâmica político-ideológica de mobilização permanente. Além do site oficial, do jornal eletrônico *A Nova Offensiva* e do podcast *A Voz do Sigma*, as redes sociais (Orkut, Facebook e X) e plataformas de vídeo (YouTube) são ambientes virtuais utilizados de modo contínuo pela FIB para dois propósitos: a disseminação dos ideais integralistas e a busca por novos militantes (GONÇALVES; CALDEIRA NETO, 2020, p. 196).

### **Forma de abordagem do problema e desenvolvimento**

Finalizada a caracterização do objeto, partiremos para a particularidade de nosso problema de pesquisa, que pode ser formulado da seguinte maneira: como os neointegralistas da FIB tentam resolver um dilema presente desde a origem do movimento nos anos 1930 – a afirmação da originalidade do integralismo perante os fascismos europeus do entreguerras – mobilizando estratégias discursivas para negar o caráter mimético de sua doutrina e sustentar sua suposta autenticidade nacional, mesmo em um contexto de dependência cultural típico das formações sociais periféricas? Para responder a essa pergunta, analisamos as manifestações político-discursivas do

movimento – seus textos e pronunciamentos públicos compartilhados no site oficial do grupo na internet – com o objetivo de identificar suas principais marcas retóricas e determinações ideológicas, buscando selecionar e filtrar referências à afirmação da originalidade do integralismo e, conseqüentemente, ao seu esforço de desvinculação do fascismo histórico europeu. Nosso esforço investigativo consiste em formular uma crítica imanente a esses discursos, com vistas a evidenciar suas contradições internas, as quais decorrem de uma condição estrutural de dependência cultural característica das sociedades periféricas e de suas formações ideológicas.

A estratégia neointegralista de desvinculação do nazifascismo pela via retórica da denegação, ou da recusa da “pecha” do racismo e do totalitarismo nazifascista, apoia-se em pelo menos cinco estratégias discursivas: recusa do antissemitismo e do racismo, oposição ao Estado totalitário, impugnação do culto fascista ao líder, crítica ao caráter imitativo do integralismo em relação aos fascismos europeus e defesa da originalidade do integralismo. Em função da delimitação de nosso problema de pesquisa, conferiremos centralidade apenas aos dois últimos casos citados, identificando as estratégias discursivas mobilizadas para o esforço de negar o caráter mimético da doutrina e de defender sua originalidade.

Iniciaremos analisando o sentido argumentativo voltado ao esforço de recusar o caráter imitativo do integralismo. “Fascismo e Nazismo” é uma divulgação observável no site oficial da FIB, na qual se reúnem fragmentos de textos integralistas, em uma vasta dimensão temporal, a respeito da natureza e do caráter dos movimentos nazifascistas. Como prelúdio, antes de citar os vários fragmentos integralistas históricos, o editor do texto, cuja autoria não é apresentada ao leitor, afirma: “Alguns dizem que o Integralismo era uma cópia brasileira do fascismo ou do nazismo. Para uns, o Integralismo se baseava em Mussolini ou Hitler, e queria trazer para o Brasil a fórmula nazi-fascista e totalitária com leves alterações. Isto é falso.”<sup>1</sup>

Identificamos no texto a forte presença da intensidade verbal e a utilização do recurso da comunicação direta, precisa, rápida, curta, simples e eloquente (ANTONELLI, 2017). O uso da expressão “Para uns”, no sentido de denotar uma concepção antagonista à concepção da FIB, defendida por opositores (ou inimigos) do movimento, traduz uma linguagem política maniqueísta, calcada na oposição entre o “nós” e o “eles”. É interessante notar que não é aleatória a digitação do termo “Integralismo” em maiúsculo, enquanto ambos os termos “fascismo” e “nazismo” foram

---

<sup>1</sup> Fonte: <https://integralismo.org.br/citacoes/fascismo-e-nazismo/>.

digitados em minúsculo: isso sugere, do ponto de vista do autor do texto, a superioridade do integralismo em relação aos outros movimentos fascistas.

Para refutar qualquer ligação com o nazifascismo, os militantes da FIB reportam a supostas interpretações de que o integralismo seria uma mera “cópia” dos fascismos europeus. Embora não as nomeie explicitamente, essas interpretações podem ser associadas às pesquisas acadêmicas de Trindade (1979) e Vasconcellos (1979), que, a partir de diferentes referenciais teórico-conceituais, definiram o caráter fascista do integralismo por meio do recurso ao mimetismo. Vale destacar que tais interpretações nunca afirmaram uma transposição direta da ideologia fascista europeia para o Brasil, nem desconsideraram suas diferenças e as influências prévias de Salgado: apenas enfatizaram o papel da influência externa dos fascismos europeus na formação do integralismo brasileiro, adaptado às formas e condições locais, portanto, repleto de particularidades próprias. O ponto nevrálgico consiste em compreendermos que os militantes da FIB valem-se de uma imagem caricaturada, distorcida, das discussões acadêmicas sobre a natureza mimética do integralismo, que não refletem o conteúdo que eles criticam superficialmente.

Outra maneira de negar a influência do nazifascismo sobre o Sigma ocorre em nome da defesa categórica da originalidade do integralismo. Trata-se de um instrumento retórico frequentemente presente nos discursos da FIB. Para elucidar isso, citaremos um trecho do texto “Gustavo Barroso e suas polêmicas”, destacando o momento no qual o autor cita nominalmente a obra de Barroso *“O integralismo e o mundo”* para tentar provar a originalidade integralista.

Antes da exposição dessa citação e de seus desdobramentos, um adendo: Barroso foi justamente o ideólogo integralista histórico que reconheceu a afinidade entre integralismo brasileiro e fascismos europeus, nas palavras de Trindade (1979, p. 263): “foi aquele que levou mais longe a pregação da solidariedade entre o integralismo e os movimentos fascistas europeus”. A invocação de sua obra entre os neointegralistas, portanto, como suposta prova da singularidade integralista, revela uma operação seletiva e revisionista das formas de reconstituição memorialística da FIB.

No livro *O Integralismo e o Mundo*, Barroso explica as diferenças entre o Integralismo, o nazismo e o fascismo: “Separaram-nos (...) diferenças profundas. O fascismo se enraíza na gloriosa tradição do Império Romano e sua concepção do Estado é cesariana e anticristã. O Estado Nazista é também pagão e se baseia na pureza da raça ariana, no exclusivismo racial. O Estado Integralista é profundamente cristão, Estado forte, não cesarianamente, mas cristãmente - pela autoridade moral de que está revestido e porque é composto de homens fortes. Alicerça-se na tradição da unidade da pátria e do espírito

de brasilidade”. Na obra citada acima, seu autor não só tece críticas a esses sistemas, como também mostra que tanto o fascismo quanto o nacional-socialismo são incompatíveis com a realidade do Brasil e do povo brasileiro (LIMA, 2022).<sup>2</sup>

Ao citar parcialmente fragmentos da obra barrosiana, em que o ideólogo integralista explica as diferenças entre fascismo, nazismo e integralismo, o texto divulgado pela FIB oculta importantes ideias presentes nesta obra. Isto é, oculta-se precisamente o trecho no qual Barroso (1936, p. 15) admite o integralismo como movimento fascista: “De todos os movimentos de caráter fascista, e assim o denominamos por falta de expressão mais apropriada para a sua generalidade, o Integralismo Brasileiro é o que contém maior dose de espiritualidade e um corpo de doutrina mais perfeito”. Logo, mesmo considerando diferenças entre as ideologias integralista e fascista, Barroso afirmava que o integralismo pertencia à mesma vertente ideológica do fascismo. O reconhecimento de que o integralismo teria “caráter fascista”, como afirmou Barroso, foi omitido para que o movimento integralista, e uma de suas mais importantes figuras, não fossem associados ao fascismo.

De modo geral, os integralistas tentam reafirmar a originalidade de sua doutrina desde a primeira geração e, no tempo presente, os neointegralistas persistem no mesmo compromisso, a despeito da fragilidade argumentativa que lhe é inerente. Como já indicamos anteriormente, partimos da abordagem da teoria da dependência para compreender essa questão. Um dos primeiros estudos a utilizar categorias teóricas advindas do campo marxista para a compreensão da natureza do integralismo foi realizado por Vasconcellos (1979), com a obra *Ideologia Curupira: análise do discurso integralista*. Nela, o sociólogo analisou a especificidade do integralismo enquanto discurso fascista que se insere numa sociedade capitalista periférica, tendo como pano de fundo, no que tange ao seu arcabouço teórico-metodológico, a teoria da dependência para mostrar que o contexto de dependência, no qual se moviam os camisas-verdes, acabou por afetar (independentemente de sua consciência) a apropriação dos fascismos europeus (VASCONCELLOS, 1979, p. 17).

Nesta abordagem, o fascismo integralista brasileiro é entendido como sendo essencialmente mimético em relação aos fascismos europeus. Um dado que confirma a ausência de autodeterminação da cultura em sociedade periférica, cuja apropriação dual do excedente econômico afeta o relacionamento interno entre a dinâmica social e a vida ideológica, tornando-o oblíquo, ou menos orgânico e destituído de homologia, ao

---

<sup>2</sup> Fonte: <https://integralismo.org.br/personalidades/gustavo-barroso-e-suas-polemicas/>

contrário do que se observa em países capitalistas com desenvolvimento autônomo (FERNANDES, 1972).

Segundo Vasconcellos (1979, p. 17-18), com a redefinição da dependência econômica brasileira nos anos 1930, a passagem da agroexportação para a fase em que o setor industrial passa a ser o pólo dinâmico da economia nacional, os integralistas ficam em um “beco sem saída”: como conciliar o nacionalismo, a denúncia, ainda que abstrata, do “imperialismo” e a reprodução às claras, mas no limite inconfessa, dos fascismos europeus? Para o pesquisador, resultaria desse quadro emaranhado de contradições a resposta fantasmagórica à dependência e a importância fundamental concedida ao influxo externo dos fascismos europeus na configuração ideológica do discurso integralista.

A conclusão de Vasconcellos (1979, p. 17): embora mimético, o discurso integralista ostenta um traço que o diferencia de seus congêneres europeus, e cuja razão de ser nasce da resposta equivocada à heteronomia de país periférico, isto é, a fantasmagoria de uma utopia autonomística em relação às nações capitalistas hegemônicas. É fantasmagórico porque: de um lado, expressa o desejo irrealizável de converter o país numa região apartada do processo civilizatório ocidental e, de outro lado, faz com que os fundamentos concretos da dependência e das relações determinadas de subordinação entre sociedades no contexto do sistema capitalista global desapareçam. Como ressalta Fernandes (1976, p. 12), uma alternativa ilusória, do provincianismo cultural tímido e estreito, para o imperialismo cultural, reduzida à necessidade de cortar as ligações culturais com o exterior para se descobrir o que seria de fato a substância autêntica do país – o que Vasconcellos (1979, p. 18) chama de “ruptura imaginária dos laços de dependência”, expressão de um estágio evolutivo ideológico típico da sociedade capitalista periférica. A crítica superficial dos integralistas ao imperialismo cultural nega a luta de classes e, por isso, é incapaz de compreender a dependência estrutural enquanto expressão do desenvolvimento desigual do capitalismo.

Ao compreender tal contradição, Vasconcellos recorre ao mito tupi-guarani do curupira, identificando-o como símbolo da dependência ideológico-cultural do integralismo. Utilizado pelos integralistas como expressão de uma cultura autóctone, anterior à chegada dos europeus e resistente à “contaminação” externa, o curupira tem os pés voltados para dentro – isto é, enraizados num ideal de identidade nacional isolada –, mas não os olhos: o integralista, à semelhança da criatura folclórica, não enxerga os

mecanismos sociais e históricos da subordinação periférica, tampouco seu papel no sistema capitalista global. Seu discurso, embora busque a construção de uma identidade nacional autêntica por meio da recusa à transplantação cultural e da reação superficial ao imperialismo cultural, é reflexo e acrítico, pois continua preso às formas ideológicas do próprio sistema que pretende negar.

Retornando ao neointegralismo da FIB, o modo como seus membros negam a determinante influência do nazifascismo só pode ser fruto do desejo autonomístico, transfigurado em uma necessidade – ou, por vezes, uma verdadeira missão – ilusória de reafirmar sua originalidade diante dos fascismos históricos europeus. A utopia autonomística dos anos 30 converte-se, entre os neointegralistas do século XXI, em uma sorte de “memória autonomística”, através da qual se cria um dispositivo de “amnésia voluntária” empenhado em esquecer e apagar a influência do nazifascismo para a formação da doutrina e construir, na aparência, uma originalidade. Em todo caso, seja no passado ou no presente, no integralismo pretérito ou em sua manifestação contemporânea, a tentativa de cortar os laços com os fascismos europeus provando a originalidade do integralismo decorre da heteronomia estrutural típica dos países periféricos.

### **Considerações finais**

À guisa de conclusão, consideramos importante situar este trabalho nos debates acadêmicos em torno da conceituação do fascismo enquanto gênero político-ideológico específico e, assim, explicar por que classificamos o (neo)integralismo como uma variante desse gênero. Apoiamo-nos na definição de Alvaro Bianchi (2024, p. 60), segundo a qual a ideologia do fascismo, em todas as suas manifestações particulares, é marcada pelo ultranacionalismo, pela estatolatria, pela antidemocracia, pelo anticomunismo e pela avaliação positiva da violência como capacidade redentora de criar uma nova ordem política voltada ao renascimento nacional – determinações ideológicas centrais no esquema doutrinário do (neo)integralismo. Com isso, alinhamos-nos à considerável parte da bibliografia especializada sobre o tema, que compreende a dimensão transnacional e trans-histórica do fascismo, não restrita ao Norte Global nem ao contexto histórico do entreguerras (GRIFFIN, 2019; GRECCO; GONÇALVES, 2022).

Deve-se salientar que identificar o caráter mimético da ideologia e dos códigos estéticos integralistas em relação aos fascismos europeus – produto estrutural da

heteronomia cultural típica das formações sociais periféricas – não implica ignorar particularidades da doutrina e da formação organizativa integralista. Tampouco significa desprezar determinadas idiossincrasias integralistas, como a instituição de rituais políticos de perfil católico e espiritualista, a teoria do surgimento de uma “quarta humanidade” ou a ênfase em uma mistura única de raças, em vez da pureza racial, como chave para o renascimento nacional (GRIFFIN, 2022, p. 30). Todavia, mesmo reconhecendo excentricidades e particularidades – resultado da adaptação de influências externas para a realidade nacional, isto é, de um *modus operandi* calcado na incorporação dos fascismos estrangeiros, camuflado sob roupagem brasileira –, concluímos que, por sua condição de *fascismo periférico*, a operação central que define a formação e o desenvolvimento da ideologia integralista é a heteronomia e, por extensão, o mimetismo. Por outro lado, entre os próprios (neo)integralistas, a valorização de suas particularidades acaba por escamotear, consciente ou inconscientemente, qualquer associação com o fascismo, ao mesmo tempo que criam, como apontou Vasconcellos, a “fantasmagoria de uma utopia autonomística”.

Como já exposto e explicado, a Frente Integralista Brasileira é uma organização política neofascista que se apresenta como continuadora da Ação Integralista Brasileira. Existe, de fato, uma continuidade política detectável pelo modo como constroem uma memória coletiva nostálgica dos elementos integralistas históricos, sua doutrina, visões de mundo, ética civil e símbolos: o retorno do Manifesto de Outubro, do Sigma, da saudação “Anauê”, dos uniformes verdes, do lema “Deus, Pátria, Família”, da reverência aos líderes integralistas *etc.* Mesmo que a razão de ser da FIB passe nuclearmente pela recuperação nostálgica de um movimento do século XX, à medida que ela existe e se move em um terreno histórico e social distinto, ela se constitui como um fenômeno específico – neofascismo/neointegralismo –, não apenas um resquício do fascismo integralista do entreguerras.

Contudo, o dilema que os militantes neointegralistas enfrentam quando tentam construir um mito de originalidade da doutrina integralista dos anos 1930, em um cenário de espelhamento da tentação fascista internacional originada em países imperialistas centrais do capitalismo global, é um impasse antigo do integralismo. Tal dilema atravessa todas as gerações integralistas e é uma das questões que, doravante, sempre tenderá a conectar profundamente os integralistas de diferentes contextos histórico-sociais. Por ser insolucionável (pelos motivos destacados ao longo deste trabalho) e por representar uma das grandes contradições de um movimento que se

preza nacionalista, autóctone, genuinamente brasileiro, avesso ao estrangeirismo e anti-imperialista, não poderá escapar das preocupações dos seguidores do Sigma.

Por fim, concluímos que a ideologia que sustenta a ilusão da originalidade (neo)integralista é de natureza mítica, pois opera, segundo a definição de Schwarz (2014, p. 53), como uma ideologia de segundo grau. Isto é, uma forma ideológica que nem sequer descreve falsamente a realidade, porque não gravita em torno de uma lógica que lhe seja própria. Parafraseando uma irônica sentença de Schwarz (2014, p. 85): quando os nacionalistas integralistas denunciavam como alienígenas o marxismo e o capitalismo internacional, talvez imaginassem que o fascismo fosse invenção tupiniquim.

## Referências

ANTONELLI, Giuseppe. *Volgare eloquenza. Come le parole hanno paralizzato la politica*. Roma-Bari: Laterza, 2017.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. Plínio Salgado e o anticomunismo dos intelectuais do Sigma. In: RODRIGUES, Cândido Moreira; BARBOSA, Jefferson Rodrigues (orgs.) *Intelectuais & comunismo no Brasil: 1920-1950: Gustavo Barroso - Plínio Salgado - Alceu Amoroso Lima - Jorge Amado - Miguel Costa*. Cuiabá: Ed UFMT, 2011.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. Intelectuais do Sigma e o integralismo contemporâneo – os herdeiros de Plínio Salgado . In: *Boletim Tempo Presente (UFRJ)*, nº 04, p. 1 - 24, 2013.

BARROSO, Gustavo. *O Integralismo e o Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, S.A., 1936.

BIANCHI, Álvaro. Fascismos: Ideologia e história. *Novos estudos CEBRAP*, v. 43, n. 1, p. 45–63, jan. 2024.

BRANDI, Paulo; SOARES, Leda. Plínio Salgado. In: BELOCH, Israel; ABREU, Alzira Alves de (orgs.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Forense, 1984.

CALDEIRA NETO, Odilon. *Sob o Signo do Sigma: Integralismo, Neointegralismo e Antissemitismo*. Maringá: Ed. UEM, 2014.

CALDEIRA NETO, Odilon. Neofascism, “New Republic” and the Rise of Right-Wing Groups in Brazil. *Conhecer: Debate entre o público e o privado*, v.10, n.24, p. 120-140, 2020.

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio*. 1ª ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas Ltda, 1978, pp. 11-20.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru, SP: Edusc, 1999.

CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio*. 1ª ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas Ltda, 1978.

CRUZ, Natália dos Reis. A ideologia do Sigma hoje – Neo-integralismo, intolerância e memória. In: *História: Questões & Debates (UFPR)*, Curitiba, n° 46, p. 113-138, 2007.

FERNANDES, Florestan. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FERNANDES, Florestan. *A sociologia numa era de revolução social*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2020.

GRECCO, Gabriela de Lima; GONÇALVES, Leandro Pereira (orgs.). *Fascismos iberoamericanos*. Madrid. Alianza Editorial, 2022.

GRIFFIN, Roger. *The Nature of Fascism*. London: Routledge, 1991.

GRIFFIN, ROGER. *Fascismo*. Madrid: Alianza Editorial. E-book.

GRIFFIN, Roger. Prefacio. In: GRECCO, Gabriela de Lima; GONÇALVES, Leandro Pereira (orgs.). *Fascismos iberoamericanos*. Madrid. Alianza Editorial, 2022.

LIMA, José Carlos Ribeiro de. Gustavo Barroso e suas polêmicas. 2022. Disponível em: <https://integralismo.org.br/personalidades/gustavo-barroso-e-suas-polemicas/>. Acesso em: 12 de setembro de 2024.

PAXTON, Roberto O. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PAYNE, Stanley G. *Fascism: comparison and definition*. Madison: The University of Wisconsin Press Ltd, 1980.

SCHWARZ, Roberto. *As ideias fora do lugar: ensaios selecionados*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

TRINDADE, Hélgio. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30*. 2ª ed. Porto Alegre: Difel; UFRGS, 1979

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: editora Brasiliense, 1979.